



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

YNAYARA ROCHA DOS SANTOS

O Mito de Prometeu em Diálogo com a Tecnologia:
um relato de experiência em sala de aula.

Rio de Janeiro

2026

YNAYARA ROCHA DOS SANTOS

O Mito de Prometeu em Diálogo com a Tecnologia:
um relato de experiência em sala de aula.

Monografia submetida à faculdade de letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português-Grego.

Orientadora: Profa. Dra. Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk.

Rio de Janeiro

2026

CIP - Catalogação na Publicação

S133m Santos, Ynayara
O Mito de Prometeu em Diálogo com a Tecnologia:
um relato de experiência em sala de aula. / Ynayara
Santos. -- Rio de Janeiro, 2026.
46 f.

Orientadora: Simone Bondarczuk.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Grego,
2026.

1. Mito. 2. Mitologia. 3. Mito de Prometeu . 4.
Inteligência artificial . 5. Experiência de estágio
. I. Bondarczuk, Simone, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente e acima de tudo, a Deus. Foram quatro anos de muitas noites mal dormidas, de renúncias e de desafios constantes. Sem a Sua presença e a Sua força, eu jamais teria conseguido enfrentar tudo isso.

Agradeço também aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e me incentivando a seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis. Aos meus avós (Luís, Maria e Rogério), que sempre demonstraram cuidado, carinho e preocupação com a minha trajetória. À minha saudosa avó Luzia, que partiu quando eu ainda era criança, deixo também a minha homenagem. Embora não tenha podido compartilhar este momento ao meu lado, sua lembrança permanece viva em minha família e em meu coração. Tenho certeza de que esta conquista também honraria a sua memória. Ao meu irmão, que, apesar das nossas implicâncias do dia a dia, também merece um agradecimento especial. Obrigada por fazer parte da minha vida e, à sua maneira, estar presente durante essa caminhada.

Ao meu namorado, deixo um agradecimento mais do que especial. Obrigada por estar presente em cada etapa, por se esforçar tanto para me ajudar seja lendo textos comigo, me ajudando a resumir, ou até se aventurando nas traduções do grego (e nós sabemos que não é nada fácil kkkk). Seu apoio fez toda a diferença.

À minha orientadora Simone, que também foi minha professora ao longo da graduação, expresso minha profunda gratidão. Obrigada pelo apoio, pela paciência, pelo incentivo e por acreditar em mim. Quero que saiba o quanto foi, e continua sendo, essencial nesta etapa tão importante da minha vida.

Agradeço, ainda, a todos os professores do Departamento de Letras Clássicas que tive a oportunidade de conhecer e com quem tanto aprendi ao longo da graduação. Cada um de vocês contribuiu de maneira significativa para a minha formação acadêmica e pessoal, tornando-se fonte de inspiração para o caminho que escolhi seguir. Em especial, agradeço aos professores Ricardo, Tânia e Ticiano, pela dedicação, pelos ensinamentos e por todo o incentivo ao longo dessa trajetória.

Também sou profundamente grata às pessoas incríveis que conheci durante essa caminhada. A graduação nos ensina que ninguém chega ao fim sozinho. É nas duplas que se formam, nos grupos de estudo, nas conversas pelos corredores, nas trocas de conhecimento, nas palavras de incentivo e na ajuda mútua que encontramos forças para continuar. Cada

pessoa que cruzou o meu caminho deixou, de alguma forma, uma contribuição para que este momento fosse possível. Meu sincero obrigada.

Ao meu amigo Gabriel, meu parceiro de Latim, com quem tive o privilégio de compartilhar os últimos dois anos da graduação. No início, nem éramos tão próximos, mas nossa amizade surgiu de forma leve e natural. Sou imensamente grata pela cumplicidade que construímos ao longo desse tempo, por todas as conversas, pelos trabalhos realizados em dupla, por compartilharmos a experiência do estágio e por tornar essa caminhada muito mais leve. Obrigada por estar presente em tantos momentos importantes dessa trajetória.

Ao meu amigo Davi, que conheci logo no início da graduação e que permaneceu ao meu lado durante esses quatro anos. Parece que o tempo voou. Obrigada por nunca soltar a minha mão, por trocar a sua grade para que eu não precisasse enfrentar sozinha as aulas de Educação e por sempre acreditar em mim, mesmo quando eu mesma duvidava. Seu apoio fez toda a diferença e estará para sempre guardado com muito carinho.

À minha amiga Yasmin, com quem comecei a conversar, por acaso, em uma fila do BRT. Curiosamente, nunca tivemos uma disciplina juntas e nem nos encontramos todos os dias na faculdade, mas nossa amizade aconteceu de uma forma tão espontânea que parece que nos conhecemos há muito mais tempo. Sou muito feliz por todos os momentos que compartilhamos e pelas inúmeras viagens de volta para casa que renderam tantas conversas.

Por fim, mas certamente não menos importante, agradeço a mim mesma. Por não ter desistido diante das dificuldades, por ter encontrado forças quando pensei que não conseguiria continuar, por ter persistido, aprendido com os erros e seguido em frente, um passo de cada vez. Agradeço por ter acreditado nos meus sonhos e por ter confiado no meu próprio potencial. Que esta conquista seja apenas o começo de muitos outros caminhos que ainda virão.

*Educação não transforma o mundo, educação
muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo.
Paulo Freire*

LISTA DE FIGURAS

Figura A.1 - Polissemia e Etimologia da palavra Mito	44
Figura A.2 - O mito: presente x punição	44
Figura A.3 - Origem da palavra Tecnologia	45
Figura A.4 - Benefícios e Riscos da IA	45
Figura A.5 - Dinâmica com os vídeos produzidos por IA: <i>Real x Fake</i>	45
Figura A.6 - Atividade de Fixação	46
Figura A.7 - Júri de Prometeu x Zeus	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 MITO	12
1.2 MITOLOGIA	15
2. AS VERSÕES DO MITO DE PROMETEU	20
2.1 O MITO EM HESÍODO	20
2.2 O MITO EM ÉSQUILO	24
2.3 O MITO NA BIBLIOTECA DO PSEUDO APOLODORO	27
2.4 A IA COMO NOVO FOGO DE PROMETEU	29
3. O MITO DE PROMETEU EM SALA DE AULA	32
3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA	32
3.2 EXPLICANDO O MATERIAL DIDÁTICO	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática central o diálogo entre o mito de Prometeu e o surgimento de uma nova tecnologia, a saber a Inteligência Artificial (IA), com vistas à produção de material didático que leve os alunos a uma reflexão sobre a importância e o impacto das novas tecnologias no processo de aprendizado. O trabalho se fundamenta em uma experiência real desenvolvida durante o estágio obrigatório da licenciatura, no qual foram elaboradas e aplicadas propostas pedagógicas que articulam elementos da mitologia com reflexões sobre o mundo contemporâneo, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento e usos de novas tecnologias. Dessa forma, a investigação não se limita a uma abordagem exclusivamente teórica, mas se constrói também a partir da prática docente, valorizando o espaço da sala de aula como campo de experimentação, análise e produção de conhecimento.

A escolha por esse tema se justifica pela inserção nos estudos em língua e literatura grega, os quais possibilitam o acesso direto às fontes clássicas e às narrativas míticas em sua forma original, favorecendo uma compreensão mais aprofundada de seus significados, estruturas e permanências ao longo do tempo e por estar diretamente relacionada à necessidade de pensar práticas educativas que dialoguem com as transformações culturais do tempo presente. Vivemos em uma sociedade profundamente marcada pelo avanço das tecnologias, que influenciam de maneira significativa as formas de comunicação, as relações sociais e os modos de construção do conhecimento. Nesse contexto, crianças e jovens estão inseridos em uma realidade cada vez mais mediada por dispositivos digitais, redes sociais e ferramentas tecnológicas em constante atualização. No entanto, essa inserção, muitas vezes, ocorre de maneira pouco reflexiva, o que evidencia a importância de um trabalho pedagógico que vá além do uso instrumental da tecnologia, promovendo também a problematização crítica de seus impactos e implicações.

Diante desse cenário, a escola assume um papel fundamental na formação de sujeitos críticos e conscientes. Mais do que acompanhar as transformações tecnológicas, cabe à educação criar condições para que os alunos possam compreender, questionar e ressignificar o mundo em que vivem. Isso implica a busca por estratégias pedagógicas que integrem diferentes áreas do conhecimento e que sejam capazes de estabelecer relações significativas entre os conteúdos escolares e a realidade dos alunos. Nesse sentido, torna-se relevante pensar

em abordagens que ampliem o repertório cultural dos estudantes, ao mesmo tempo em que favoreçam a construção de uma postura reflexiva diante dos desafios contemporâneos.

É nesse contexto que o mito de Prometeu se apresenta como um recurso particularmente significativo. Sua permanência ao longo da história evidencia sua força simbólica e sua capacidade de suscitar reflexões que atravessam diferentes épocas. Ao ser mobilizado no ambiente educacional, o mito permite a construção de pontes entre passado e presente, favorecendo a compreensão de questões que permanecem atuais, ainda que sob novas configurações. Assim, o trabalho com narrativas míticas pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, da interpretação simbólica e da capacidade de estabelecer conexões entre diferentes contextos históricos e culturais, tendo em vista a potencialidade de sua linguagem imagética e simbólica.

De acordo com Mircea Eliade (1972, p. 9):

[...] o mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.

Essa definição já aponta para a relevância dessas narrativas como formas de organização do pensamento humano. Ao tratar de origens e de acontecimentos fundamentais, o mito oferece modelos de compreensão que continuam a influenciar a maneira como os indivíduos interpretam a realidade, permitindo que essas narrativas sejam retomadas e ressignificadas em diferentes contextos, inclusive no cenário educacional contemporâneo.

A proposta de articular o mito de Prometeu às discussões sobre tecnologia parte justamente dessa possibilidade de ressignificação. Em vez de tratar o mito como um conteúdo estagnado ou meramente histórico, busca-se explorá-lo como um instrumento de reflexão para questões atuais, especialmente aquelas relacionadas ao uso do conhecimento, às transformações técnicas e às consequências das ações humanas. Dessa forma, o mito se insere como elemento mediador no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para a construção de uma abordagem mais crítica, interdisciplinar e significativa.

Os mitos da Antiguidade clássica chegaram até nós por meio de estudiosos que recolheram as suas versões em obras de mitologia. Considera-se a mitologia como um conjunto organizado de narrativas simbólicas que, mais do que simples histórias, expressam formas de pensar, valores culturais e modos de compreender o mundo próprio de uma determinada sociedade.

Para atingir os objetivos propostos desta pesquisa, foram utilizadas as seguintes fontes primárias: a cosmogonia grega “Teogonia”, de Hesíodo; o poema sapiencial “Trabalhos e Dias”, atribuído ao mesmo autor; a tragédia “Prometeu Prisioneiro”, de Ésquilo; e a “Biblioteca”, atribuída a Pseudo-Apolodoro, mitógrafo do I séc. a. C.; obras fundamentais para a compreensão das narrativas míticas da Antiguidade grega.

A partir do recorte do mito nessas obras, foram desenvolvidos materiais didáticos que tinham como objetivo promover o diálogo entre o mito de Prometeu e a tecnologia, possibilitando aos estudantes não apenas o contato com a narrativa, mas também a reflexão sobre sua relação com o mundo contemporâneo. As atividades propostas buscaram estimular a participação ativa dos alunos, incentivando o debate, a interpretação e a produção de sentidos por meio de atividades escritas, a partir das temáticas abordadas.

A produção de material didático, nesse sentido, assume um papel central na pesquisa, pois se configura como uma forma concreta de mediação entre o conhecimento teórico e a prática pedagógica, cujo material confeccionado é apresentado e analisado no terceiro capítulo desta monografia. Ao elaborar propostas que dialogam com o universo dos estudantes e com as demandas do tempo presente, o professor amplia as possibilidades de engajamento e de aprendizagem significativa. Assim, o trabalho não apenas analisa uma experiência, mas também apresenta possibilidades de atuação docente que podem ser adaptadas e utilizadas em diferentes contextos educacionais.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é investigar as potencialidades do uso do mito de Prometeu como recurso pedagógico, em diálogo com as transformações tecnológicas contemporâneas, e o objetivo específico é a produção e análise de material didático para o contexto escolar. Para alcançar esse objetivo, o trabalho se organiza em três capítulos: no primeiro, será apresentada uma discussão teórica sobre o conceito de mito e mitologia com suas principais abordagens; no segundo, será desenvolvido um estudo mais aprofundado sobre o mito de Prometeu em suas principais versões: de Hesíodo a Pseudo-Apolodoro, passando por Ésquilo – bem como suas possíveis interpretações – e a IA como uma espécie de “novo fogo” de Prometeu que busca revolucionar o modo de acesso ao conhecimento e articulação das pesquisas; por fim, no terceiro capítulo, será exposto o relato de experiência do estágio, incluindo a descrição e análise dos materiais produzidos e das práticas realizadas em sala de aula.

Ao propor essa articulação entre mito, tecnologia e educação, busca-se contribuir para a construção de práticas pedagógicas cujos fundamentos se encontram na Antiguidade e que

sejam, ao mesmo tempo, críticas e significativas. Nesse sentido, reafirma-se o papel da escola como espaço de reflexão, questionamento e formação integral dos sujeitos, capaz de integrar diferentes formas de conhecimento e de promover uma compreensão mais ampla e consciente das identidades e diferenças culturais.

1.1 MITO

A definição que atualmente temos sobre o mito nem sempre foi a mesma. Esse conceito passou por diversas transformações e ressignificações ao longo das gerações, até chegar à ideia presente na sociedade contemporânea. Diferentemente da concepção moderna, que frequentemente associa o mito à falsidade ou à invenção, nas sociedades antigas o mito possuía um caráter verdadeiro e estava profundamente ligado à compreensão da realidade. “Mito remonta à palavra grega *mythos*. Como qualquer palavra, seu significado variou através dos séculos. Nos tempos de Homero, no começo da literatura grega (c.725 A.C.), um *mythos* não era necessariamente falso.” (DOWDEN, 1994, p. 14).

O mito surgiu na Antiguidade a partir da necessidade humana de compreender e dar sentido ao mundo. Nas sociedades antigas, muitos fenômenos da natureza, acontecimentos da vida e questões sobre a existência ainda não podiam ser explicados pela ciência ou pela razão filosófica com uma linguagem apropriada. Diante disso, os povos antigos criaram narrativas míticas para responder perguntas fundamentais, como por exemplo, a origem da humanidade, do bem e do mal, da morte e do próprio universo, utilizando uma linguagem imagética típica do seu modo de pensar.

Para Junito Brandão (1986, p. 9):

Os pais ensinam aos filhos como é a vida, relatando-lhes as experiências pelas quais passaram. Os mitos fazem a mesma coisa num sentido muito mais amplo, pois delineiam padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. Com o recurso da imagem e da fantasia, os mitos abrem para a Consciência o acesso direto ao inconsciente coletivo. Até mesmo os mitos hediondos e cruéis são da maior utilidade, pois nos ensinam através da tragédia os grandes perigos do processo existencial.

Além de explicar o desconhecido, o mito também surgiu da necessidade de organizar a vida social e transmitir valores culturais. Por meio dessas narrativas, as comunidades ensinavam costumes, justificavam as tradições, fortaleciam as crenças religiosas e orientavam o comportamento das pessoas. Assim, o mito não era apenas uma história contada, mas uma

forma de interpretar a realidade e manter a união do grupo social o que se pode constatar, por exemplo, nos poemas homéricos¹, que, além de narrarem mitos específicos – a guerra de Tróia e o retorno de Odisseu, entrelaça em sua narrativa uma série de outros mitos dessa natureza.

Outra necessidade importante relacionada ao surgimento do mito era a busca humana por segurança e sentido diante dos medos e incertezas da existência. Fenômenos como tempestades, doenças, guerras e a própria morte causavam temor, e o mito oferecia explicações simbólicas que ajudavam os indivíduos a compreender esses acontecimentos e lidar com eles.

Segundo Mircea Eliade (1972, p. 18):

De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) que essa História é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e sagrada (porque é a obra dos Entes Sobrenaturais); 3) que o mito se refere sempre a uma "criação", contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o mito, conhece-se a "origem" das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento "exterior", "abstrato", mas de um conhecimento que é "vivido" ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra, "vive-se" o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados.

A partir dessa concepção, percebe-se que o mito, nas sociedades arcaicas, possuía um caráter profundamente sagrado e verdadeiro, por isso podiam assumir uma função paradigmática – modelos de comportamento e normas sociais que deveriam ser seguidas pelos indivíduos. Diferente da compreensão moderna, que muitas vezes associa o mito à ideia de ficção ou fantasia, como uma peça literária, os povos antigos entendiam essas narrativas como relatos reais, responsáveis por explicar a origem de todas as coisas e orientar a vida humana. O indivíduo das sociedades arcaicas não se via separado da natureza ou do sagrado; ao contrário, entendia-se como parte de uma realidade maior, organizada pelos deuses e continuamente sustentada por eles, como diz Vernant (2009, p.5): “Há, portanto, algo de divino no mundo e algo de mundano nas divindades.” Assim, a vida humana era organizada a partir de padrões considerados divinamente instituídos.

Além disso, nas sociedades arcaicas, o mito estava intimamente ligado ao ritual. Narrar um mito não significava apenas contar uma história, mas reviver simbolicamente o

¹ Poemas homéricos são as epopeias atribuídas a Homero — principalmente a *Iliada* e a *Odisseia* —, que narram episódios da Guerra de Tróia e suas consequências, sendo obras centrais da literatura grega antiga.

acontecimento sagrado ocorrido no tempo primordial, logo ultrapassava a noção de tempo cronológico. Por meio dos rituais, os indivíduos acreditavam em entrar em contato com o sagrado e renovar as forças que sustentavam a existência do mundo e da própria comunidade. Dessa forma, mito e ritual constituíam elementos inseparáveis dentro da experiência religiosa antiga.

Portanto, na sociedade arcaica, o mito desempenhava funções religiosas, sociais, culturais e existenciais. Mais do que simples narrativas, os mitos eram formas de conhecimento e interpretação da realidade, capazes de orientar a vida humana e preservar a identidade das comunidades. Compreender essa concepção é fundamental para evitar anacronismos e perceber como o significado do mito se transformou ao longo do tempo. Expressões populares como “isso é um mito” costumam ser utilizadas para indicar algo falso, exagerado ou sem comprovação. Dessa maneira, o termo perdeu, em grande parte, o caráter sagrado que possuía nas civilizações antigas. Entretanto, embora o mito contemporâneo tenha se afastado da dimensão religiosa tradicional, ele continua exercendo forte influência na sociedade. O mito permanece como uma construção simbólica capaz de despertar admiração, criar modelos de comportamento e influenciar a forma como as pessoas percebem o mundo. A diferença principal é que, atualmente, os mitos não estão necessariamente ligados à crença nos deuses antigos ou seres sobrenaturais, mas podem ser representados por figuras humanas, instituições, ideologias e até produtos culturais que se destacam por alguma característica excepcional ou sobre humana e habitam o imaginário do coletivo popular.

Nesse contexto, celebridades, artistas, atletas, influenciadores digitais, empresários e personalidades públicas carismáticas frequentemente ocupam o lugar de mitos contemporâneos. Essas figuras são muitas vezes vistas como modelos de sucesso, de beleza, de poder ou de realização pessoal. A mídia e as redes sociais contribuem intensamente para a construção dessas imagens idealizadas, transformando determinadas pessoas em símbolos admirados e, muitas vezes, considerados inalcançáveis pelo homem comum. Em diversos casos, cria-se ao redor dessas personalidades uma espécie de culto à imagem, no qual suas vidas, opiniões e comportamentos passam a influenciar milhões de indivíduos.

Além das celebridades, personagens fictícios também podem assumir características míticas na contemporaneidade. Heróis do cinema, dos quadrinhos e da literatura representam os valores e desejos coletivos da sociedade atual, além da superação do medo e das limitações individuais, desempenhando funções semelhantes às dos heróis mitológicos antigos. Essas

narrativas continuam oferecendo modelos de coragem, justiça, superação e identidade, ainda que inseridas em contextos culturais diferentes.

Dessa forma, ideias, valores e imagens produzidos socialmente, veiculados pelos mitos, passam a ser aceitos como verdades evidentes dentro da sociedade. Portanto, mesmo distante da concepção sagrada presente nas sociedades arcaicas, o mito continua existindo na contemporaneidade, embora sob novas formas. Ele permanece como um instrumento de construção simbólica, capaz de influenciar comportamentos, produzir referências sociais e expressar os desejos, valores e o imaginário de cada época. Para destacar a sua importância, Dumézil afirmou que uma sociedade sem mitos deixou de existir: *mais uns peuple qui n'aurait pas de mythes serait déjà mort* (Dumézil 1969 p.11: *um povo sem mitos já estaria morto.*)

1.2 MITOLOGIA

A mitologia pode ser compreendida como o conjunto de mitos criados e compartilhados por uma sociedade ao longo do tempo. Esses mitos formam um sistema de narrativas simbólicas que busca explicar a origem do mundo, da humanidade, da natureza, dos deuses, dos sentimentos humanos e dos acontecimentos da vida. Muito além de histórias fantasiosas, a mitologia representa um conjunto de interpretação da realidade, construída pelos povos antigos, para dar sentido à existência e organizar a vida coletiva.

Segundo Ken Dowden (1994, p. 19, 20):

Na verdade, a Mitologia Grega é um fundo comum de temas e ideias ordenadas em um repertório comum de histórias. Essas histórias vinculam-se, comparam-se e contrastam-se com, e são compreendidas à luz de, outras histórias do sistema. A Mitologia Grega é um 'intertexto', porque se constitui de todas as representações de mitos já experimentadas por seu auditório e porque cada nova representação ganha seu sentido a partir de como está posicionada em relação a esta totalidade de apresentações prévias. Neste livro, empregarei o termo Mitologia Grega, com letras maiúsculas, para denotar este sistema (evolutivo) global.

A definição proposta por Dowden evidencia que a mitologia grega não se constitui como um conjunto isolado de narrativas, mas como um sistema complexo formado pela interação entre diferentes representações míticas acumuladas ao longo do tempo.

Compreender a formação desse sistema implica investigar os processos responsáveis pela transmissão, preservação e organização dessas narrativas, permitindo que elas chegassem até a contemporaneidade.

A compreensão da mitologia como um sistema organizado de narrativas exige também a análise dos processos responsáveis por sua formação e preservação. Conforme observa Junito Brandão (1986, p. 25):

Os mitos gregos só se conhecem através da forma escrita e das imóveis composições da arte figurada, o que, aliás, é comum a quase todas as mitologias antigas. Ora, a forma escrita desfigura o mito de algumas de suas características básicas, como, por exemplo, de suas variantes, que se constituem no verdadeiro pulmão da mitologia. Com isso, o mito se enrijece e se fixa numa forma definitiva. De outro lado, a forma escrita o distancia do momento da narrativa, das circunstâncias e da maneira como aquela se converteria numa ação sagrada.

A observação de Brandão evidencia que a escrita desempenhou um papel ambíguo na preservação dos mitos: ao mesmo tempo em que garantiu sua sobrevivência ao longo dos séculos, reduziu a multiplicidade característica da tradição oral. Além disso, ao serem registrados, os mitos passaram a se distanciar de seu contexto ritual originário, no qual estavam diretamente ligados à experiência religiosa e à ação sagrada.

A partir dessa perspectiva, o conhecimento contemporâneo sobre a mitologia grega não deriva diretamente das narrativas em sua forma original, mas das versões principais que foram preservadas pela literatura e pela arte. Antes de serem registradas, essas narrativas circulavam predominantemente por meio da tradição oral, característica que permitia constantes adaptações e reformulações. Assim, uma mesma história poderia apresentar diferentes versões, de acordo com a região, o contexto religioso ou a comunidade responsável por sua transmissão.

A oralidade conferia aos mitos um caráter dinâmico, marcado pela coexistência de múltiplas variantes. Entretanto, a passagem da oralidade para a escrita provocou profundas transformações nesse processo. Ao serem incorporados às obras literárias, os mitos passaram a assumir formas relativamente estáveis, reduzindo a fluidez que caracterizava sua transmissão tradicional. Nesse sentido, a mitologia pode ser compreendida como resultado de um processo de sistematização das narrativas míticas, no qual determinadas versões foram selecionadas, organizadas e preservadas em detrimento de outras. Nesse processo, a atuação dos grandes poetas exerceu papel fundamental, uma vez que suas obras alcançaram ampla difusão e prestígio entre os gregos. Como consequência, algumas variantes míticas adquiriram

maior autoridade e reconhecimento, contribuindo para a formação daquilo que posteriormente seria denominado mito canônico.

Brandão afirma (1986, p. 27): “Acontece que, dado o imenso prestígio da poesia na Grécia, a variante apresentada por um grande poeta impunha-se à consciência pública, tornando-se um mito canônico, com esquecimento das demais variantes, talvez artisticamente menos eficazes, mas, nem por isso, menos importantes do ponto de vista religioso.”

Desse modo, embora os mitos possuísem inúmeras versões, as narrativas registradas por autores como Homero e Hesíodo adquiriram maior autoridade e difusão, tornando-se referências fundamentais para a tradição posterior. Essas versões, entretanto, não devem ser entendidas como formas originais ou definitivas dos mitos, mas como variantes que alcançaram maior reconhecimento graças ao prestígio de seus transmissores.

A preservação da tradição mítica também contou com a atuação dos mitógrafos, autores que se dedicaram a reunir, organizar e registrar os relatos míticos transmitidos pela tradição. Diferentemente dos poetas, cuja preocupação frequentemente envolvia a elaboração estética das narrativas, os mitógrafos procuravam sistematizar as diversas versões dos mitos, contribuindo para sua conservação e transmissão, suas obras, muitas vezes, eram epítomes dos mitos. Seu trabalho foi fundamental para a constituição daquilo que atualmente se compreende como mitologia grega, uma vez que permitiu a organização de um vasto repertório narrativo disperso em diferentes tradições locais.

Além dos textos literários, a arte figurativa desempenhou papel essencial na preservação dos mitos gregos. Pinturas em vasos, esculturas, relevos e outras manifestações artísticas registraram personagens e episódios mitológicos, contribuindo para a construção de um repertório imagético que atravessou séculos, embora nem sempre a sua ‘leitura’ e compreensão sejam inequívocas uma vez que não coincidem sempre com a literatura. Dessa forma, a transmissão da mitologia grega ocorreu tanto pela palavra escrita quanto pela representação visual, assegurando a permanência dessas narrativas na memória cultural do Ocidente.

Paralelamente ao processo de sistematização dos mitos, desenvolveram-se diferentes formas de interpretação dessas narrativas ao longo do período clássico. Entre elas, destaca-se a interpretação alegórica, que buscava atribuir significados simbólicos aos relatos míticos.

Conforme observa Brandão (1986, p 31): “Já que os mitos não eram mais compreendidos literalmente, buscavam-se neles as *ὑπόνοιαι* (*hypónoiai*), isto é, as suposições, as significações ocultas, os subentendidos”. Nessa perspectiva, os deuses, heróis e acontecimentos narrados deixavam de ser compreendidos apenas em seu sentido literal e passavam a representar fenômenos naturais, valores morais ou princípios filosóficos. Tal procedimento permitiu que os mitos continuassem a ser valorizados mesmo em contextos marcados pelo avanço da reflexão racional (*λόγος*).

Outra forma de interpretação foi o evemerismo, a teoria associada a Evêmero (IV séc. a. C) – autor da obra “História Sagrada” que chegou até nós em forma fragmentada –, segundo a qual os deuses teriam sido originalmente personagens históricos que, em razão de seus feitos extraordinários, foram posteriormente divinizados pela memória coletiva. Essa perspectiva procurava explicar racionalmente a origem das divindades, aproximando os relatos míticos da história humana e reduzindo seu caráter sobrenatural.

Essas diferentes interpretações contribuíram para um gradual processo de desmitologização dos mitos. À medida que as narrativas passaram a ser analisadas sob perspectivas filosóficas, históricas ou simbólicas, sua dimensão estritamente religiosa foi sendo relativizada. O mito deixou de ser compreendido exclusivamente como discurso sagrada para tornar-se também objeto de reflexão intelectual, interpretação literária e investigação histórica.

Além disso, os mitos passaram a desempenhar funções que ultrapassavam o âmbito religioso. Em diversos momentos da história grega, foram utilizados para legitimar instituições, fundamentar genealogias aristocráticas e reforçar identidades coletivas. Esse processo, frequentemente denominado politização do mito, demonstra como as narrativas míticas podiam ser mobilizadas para atender interesses sociais e políticos específicos, tornando-se importantes instrumentos de construção simbólica do poder até os dias de hoje.²

Outro aspecto relevante destacado por Brandão refere-se ao processo de racionalização dos mitos. Os próprios gregos passaram gradualmente a refletir criticamente sobre suas tradições míticas, buscando interpretações que ultrapassassem o âmbito exclusivamente religioso. Filósofos pré-socráticos, como Xenófanes, questionaram as representações

² Sobre essa função política das narrativas míticas consultar “O Mito do Estado”, de Ernst Cassirer, 2003, p. 264-288.

antropomórficas dos deuses e inauguraram novas formas de compreensão da realidade. Esses deuses com hábitos e vícios humanos não podiam ser deuses em sentido absoluto, segundo esse pensador.

Nesse contexto, observa-se a passagem gradual do *mythos* ao *logos*. Enquanto o *mythos* estava associado às narrativas tradicionais e à explicação sagrada do mundo, o *logos* buscava fundamentar o conhecimento na razão, na argumentação e na reflexão crítica. Tal transformação não implicou o desaparecimento dos mitos, mas contribuiu para que eles fossem reinterpretados sob perspectivas filosóficas, históricas, literárias e políticas.

Assim, a mitologia grega não deve ser entendida apenas como um conjunto de histórias sobre deuses e heróis, mas como o resultado de um longo processo de transmissão, seleção e sistematização cultural. A passagem da oralidade para a escrita, a consolidação de versões canônicas e a posterior racionalização das narrativas míticas foram fatores decisivos para a preservação dos mitos gregos e para sua permanência como objeto de estudo e reflexão até a contemporaneidade, por outro lado, ao mesmo tempo, foram os fatores que os descaracterizam do seu sentido originário.

Paradoxalmente, foi justamente o processo de dessacralização que possibilitou a permanência da mitologia no Ocidente. Ao serem reinterpretados alegoricamente, racionalizados e progressivamente desvinculados de sua função religiosa original, os mitos puderam atravessar diferentes contextos históricos sem desaparecer, assumindo cada vez mais um caráter mais estético e literário. Brandão conclui (1986, p. 31): “[..]foi graças ao alegorismo e ao evemerismo e sobretudo porque a literatura grega e as artes plásticas se desenvolveram cimentadas no mito que os deuses e heróis da Hélade sobreviveram ao longo processo de desmitização e dessacralização, mesmo após o triunfo do Cristianismo.”

Dessa forma, embora esvaziados de seus antigos valores religiosos originários, os mitos gregos permaneceram vivos como patrimônio cultural, literário e simbólico, continuando a influenciar o imaginário ocidental até a contemporaneidade.

2. AS VERSÕES DO MITO DE PROMETEU

Prometeu é uma das figuras mais importantes da mitologia grega, sendo tradicionalmente identificado como um Titã pertencente à geração anterior aos deuses olímpicos. Ele era filho do Titã Jápeto e da Oceânide Clímene, além de irmão de Atlas, Menécio e Epimeteu (HESÍODO, *Teogonia*, vv. 507-514). Seu nome costuma ser associado à ideia de "previsão" ou "prudência", significa aquele que possui a *πρό* (*pro*), *anterior*, *μῆτις*, *prudência*, *astúcia*; em contraste com seu irmão Epimeteu, cujo nome remete àquele que só reflete *απὸς* (*ἐπί*) os acontecimentos.

Ao longo da tradição mítica, Prometeu destaca-se por sua relação singular com a humanidade, em Ésquilo é designado como *φιλάνθρωπος* (amigo dos homens). Apesar de pertencer à raça dos Titãs, é frequentemente representado como um benfeitor dos homens, sobretudo por sua participação no episódio de Mecone³ e pelo roubo do fogo divino, ato que permitiu aos seres humanos o desenvolvimento das técnicas e da civilização. Em consequência dessa transgressão, Zeus o condena a permanecer acorrentado a um rochedo, onde uma águia devorava diariamente seu fígado, que se regenera continuamente (HESÍODO, *Teogonia*, vv. 521-525).

A riqueza e a complexidade desse personagem fizeram com que diferentes autores da Antiguidade reinterpretassem seu mito de acordo com os contextos e objetivos de suas obras. Assim, a figura de Prometeu será analisada neste trabalho a partir de quatro importantes fontes originais da literatura grega: a “Teogonia” e “Os Trabalhos e os Dias”, atribuídas a Hesíodo; a tragédia “Prometeu Acorrentado”, de Ésquilo; além do resumo que aparece na “Biblioteca”, de Pseudo-Apolodoro. A comparação dessas narrativas permitirá compreender as diferentes representações do Titã e as transformações sofridas por seu mito ao longo da tradição literária grega.

2.1 O MITO EM HESÍODO

Em Hesíodo, encontram-se as duas versões mais antigas do mito de Prometeu, tanto na “Teogonia” como em “Trabalhos e Dias”. Tais narrativas constituem um importante ponto de

³ Refere-se a partilha dos sacrifícios atribuídos a ele por Zeus em uma época em que deuses e homens viviam em harmonia.

partida para a compreensão da tradição prometeica na literatura grega, uma vez que estabelecem os principais elementos que seriam retomados e reelaborados por autores posteriores. Dessa forma, o estudo dessas obras torna-se fundamental para compreender não apenas a origem literária do mito, mas também sua permanência e transformação ao longo da Antiguidade. Os cânones da literatura grega são Homero e Hesíodo, considerados as fontes principais para conhecimento dos mitos em suas variantes.

Seguem-se as versões hesiódicas do mito:

Teogonia (Trad. Jaa Torrano, 2003)

vv.520-557 este destino o sábio Zeus atribuiu-lhe. E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador, cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna, e sobre ele incitou uma águia de longas asas, ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite todo igual o comera de dia a ave de longas asas. O filho de Alcmena de belos tornozelos valente Héracles matou-a, da maligna doença defendeu o filho de Jápeto e libertou-o dos tormentos, não discordando Zeus Olímpio o sublime soberano para que de Héracles Tebano fosse a glória maior que antes sobre a terra multinutriz. Reverente ele honrou ao insigne filho, apesar da cólera pôs fim ao rancor que retinha de quem desafiou os desígnios do pujante Cronida. Quando se discerniam Deuses e homens mortais em Mecona, com ânimo atento dividindo ofertou grande boi, a trapacear o espírito de Zeus: aqui pôs carnes e gordas vísceras com a banha sobre a pele e cobriu-as com o ventre do boi, ali os alvos ossos do boi com dolosa arte dispôs e cobriu-os com a brilhante banha. Disse-lhe o pai dos homens e dos Deuses: “Filho de Jápeto, insigne dentre todos os reis, ó doce, dividiste as partes zeloso de um só!” Assim falou a zombar Zeus de imperecíveis desígnios. E disse-lhe Prometeu de curvo pensar sorrindo leve, não esqueceu a dolosa arte: “Zeus, o de maior glória e poder dos Deuses perenes, toma qual dos dois nas entranhas te exorta o ânimo”. Falou por astúcia. Zeus de imperecíveis desígnios soube, não ignorou a astúcia: nas entranhas previu males que aos homens mortais deviam cumprir-se. Com as duas mãos ergueu a alva gordura, raivou nas entranhas, o rancor veio ao seu ânimo, quando viu alvos ossos do boi sob dolosa arte. Por isso aos imortais sobre a terra a grei humana queima os alvos ossos em altares turiais.	vv 558-593 E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens: “Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnios, ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte!” Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios, depois sempre deste ardil lembrado negou nos freixos a força do fogo infatigável aos homens mortais que sobre a terra habitam. Porém o enganou o bravo filho de Jápeto: furtou o brilho longevisível do infatigável fogo em oca férula; mordeu fundo o ânimo a Zeus tonítruo e enraivou seu coração ver entre homens o brilho longevisível do fogo. E criou já ao invés do fogo um mal aos homens: plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos como virgem pudente, por desígnios do Cronida; cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos com vestes alvas, compôs um véu laborioso descendo-lhe da cabeça, prodígio aos olhos, ao redor coroas de flores novas da relva sedutoras lhe pôs na fronte Palas Atena e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro, quem a fabricou: o ínclito Pés-tortos lavrando-a nas mãos, agradando a Zeus pai, e muitos labores nela gravou, prodígio aos olhos, das feras que a terra e o mar nutrem muitas ele pôs muitas ali (esplendia muita a graça) prodigiosas iguais às que vivas têm voz. Após ter criado belo o mal em vez de um bem levou-a lá onde eram outros Deuses e homens adornada pela dos olhos glaucos e do pai forte. O espanto reteve Deuses imortais e homens mortais ao virem íngreme incombátível ardil aos homens. Dela descende a geração das femininas mulheres. Dela é a funesta geração e grei das mulheres, grande pena que habita entre homens mortais, parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.
--	--

Trabalhos e Dias (Trad. Alessandro Rolim)

É que os deuses mantêm escondido dos humanos **o sustento**.
 Pois **senão trabalharias fácil**, e só um dia,
 e, mesmo ocioso, terias o bastante para o ano.
 Logo colocarias o timão sobre a lareira, (45)
 os trabalhos dos bois e das mulas incansáveis desapareceriam.
 Mas Zeus escondeu-o, encolerizado em seu coração,
 porque o enganara Prometeu de curvo pensar.
 Por isso maquinou amargos cuidados para os humanos,
e escondeu o fogo. Por sua vez, o bom filho de Jápeto (50)
 roubou-o do sábio Zeus para dá-lo aos humanos
 numa férula oca, passando despercebido a Zeus a quem alegra o trovão.
 Encolerizado, disse-lhe Zeus que ajunta nuvens:
 “Filho de Jápeto, mais que todos fértil em planos,
 alegras-te de ter roubado o fogo e enganado minha inteligência, (55)
**o que será uma grande desgraça para ti próprio e para os homens
 futuros.**
**Para compensar o fogo lhes darei um mal, com o qual todos
 se encantarão em seu espírito, abraçando amorosamente
 seu próprio mal.”**
 Assim falou, e riu alto o pai de homens e deuses.
 Então ordenou ao ilustre Hefesto que o mais rápido possível (60)
 misturasse terra com água e ali infundisse fala e força humanas,
 e que moldasse, de face semelhante à das deusas imortais,
 uma forma bela e amável de donzela; depois ordenou a Atena
 que lhe ensinasse trabalhos, a tecer uma urdidura cheia de arte;
 a Afrodite dourada, que lhe espargisse a cabeça com graça, (65)
 penoso desejo e inquietação que devora os membros.
 Que nela colocasse **uma mente desavergonhada e um caráter fingido**,
 ordenou a Hermes mensageiro, o matador do monstro Argos.”

As narrativas de Prometeu presentes em Hesíodo compartilham elementos fundamentais que constituem o núcleo da narrativa mítica. Em ambas as obras, Prometeu aparece como uma figura astuciosa que desafia Zeus em benefício da humanidade, o seu epíteto revela também essa característica marcante, ἀγκυλομήτης, de *metis curva*, *tortuosa*. O conflito entre o titã e o soberano olímpico é desencadeado pelo engano de Prometeu contra Zeus e culmina no roubo do fogo, elemento indispensável à vida humana e símbolo do desenvolvimento técnico e civilizatório. Em resposta a essa transgressão, Zeus estabelece uma punição que atinge tanto Prometeu quanto os homens, reafirmando sua autoridade e soberania sobre deuses e mortais.

Outro aspecto comum aos dois relatos é a lógica de compensação que estrutura a narrativa. Após Prometeu devolver aos homens aquilo que Zeus lhes havia negado, o fogo, o deus elabora uma contrapartida destinada a equilibrar esse benefício. Em ambos os poemas, a criação da mulher surge como resposta ao roubo do fogo, constituindo aquilo que Hesíodo descreve como um "belo mal". Dessa forma, o mito estabelece uma relação direta entre a aquisição de um bem pelos homens e o surgimento de um mal necessário que passará a

acompanhá-los permanentemente, a mulher. Se o fogo vem a facilitar a vida do homem, em compensação a mulher vem sobrecarregar o homem com mais trabalho.

Apesar dessas semelhanças estruturais, os dois poemas apresentam diferenças significativas em seus objetivos e em suas ênfases narrativas. Na Teogonia, o mito está inserido no contexto da genealogia divina e da consolidação do poder de Zeus. O foco recai sobre o enfrentamento entre o titã, protetor da humanidade, e o rei dos deuses, destacando-se a punição de Prometeu, acorrentado por ordem de Zeus e submetido ao suplício da águia que diariamente lhe devora o fígado. A narrativa enfatiza, assim, a força e a soberania do Cronida diante daqueles que desafiam seus desígnios. Além disso, o poema relata a posterior libertação de Prometeu por Héracles e o fim do rancor de Zeus – motivado sobretudo pelo desejo de honrar seu filho Héracles – ainda que a reconciliação não enfraqueça a autoridade do soberano olímpico. Outro aspecto particular da Teogonia é a afirmação de que da primeira mulher, ‘um belo mal’, descende toda a raça das mulheres, conferindo à narrativa uma dimensão genealógica que se harmoniza com os propósitos da obra.

Em “Trabalhos e Dias”, por outro lado, o mito assume uma função etiológica e moralizante, voltada para explicar a condição humana. Hesíodo afirma que os deuses esconderam dos homens o *bios* (βίος), isto é, por extensão metonímica, os meios de subsistência necessários à vida. Caso isso não tivesse ocorrido, os homens viveriam com facilidade e poderiam permanecer ociosos durante grande parte do tempo. Como punição, os mortais são obrigados a trabalhar para garantir seu sustento. Além disso, Zeus também oculta o fogo, privando os homens de um recurso essencial para o desenvolvimento das técnicas. O roubo prometeico devolve esse benefício à humanidade, mas desencadeia a reação divina que culmina na criação da mulher e, posteriormente, na disseminação dos males entre os homens, como no mito da abertura do vaso atribuído à Pandora.⁴

Diferentemente da “Teogonia”, “Trabalhos e Dias” explicita de maneira mais clara a ideia de compensação. Zeus declara que, “para compensar o fogo” (ἀντί πυρός, “em lugar do fogo”), dará aos homens um mal que eles próprios acolherão com prazer, “abraçando amorosamente seu próprio mal”. A mulher aparece, portanto, como uma espécie de contrapartida negativa ao benefício obtido por Prometeu. Também merece destaque o fato de que, nessa versão, a elaboração da primeira mulher envolve a participação de diferentes

⁴ Na mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher, criada por ordem de Zeus e moldada por Hefesto. Enviada aos homens como punição após o roubo do fogo por Prometeu, recebeu dos deuses diversos dons e um recipiente (posteriormente difundido como “caixa de Pandora”) que não deveria ser aberto. Ao abri-lo, libertou todos os males que afligem a humanidade, permanecendo apenas a esperança em seu interior.

divindades, entre elas Atenas, Afrodite, responsável por conceder-lhe o encanto, o desejo e a sedução e Hermes que lhe concede espírito de cão e dissimulada conduta. Tal elemento reforça a ambiguidade da figura feminina, concebida simultaneamente como objeto de fascínio e instrumento da punição divina e sintetizando várias características dos deuses, por isso dom (δῶρα) de todos (πάν) os deuses, Pandora.

Assim, enquanto a “Teogonia” privilegia a dimensão divina do mito e a afirmação da ordem estabelecida por Zeus, “Trabalhos e Dias” concentra-se nas repercussões desse conflito para a humanidade apresentando, na segunda parte da obra, as dificuldades do trabalho no campo, sujeito a todas às intempéries. Nesse sentido, a lógica da compensação mostra-se mais desenvolvida em “Trabalhos e Dias”: ao recuperar o fogo para os mortais, Prometeu não elimina sua condição laboriosa, mas desencadeia uma nova forma de necessidade, representada pelo “belo mal” enviado por Zeus como compensação.

2.2 O MITO EM ÉSQUILO

O mito ocupa uma posição central na constituição da tragédia grega, fornecendo aos dramaturgos os enredos, personagens e conflitos que seriam levados à cena. Contudo, a relação entre mito e tragédia não se limita à simples reprodução de narrativas tradicionais. Ao serem incorporados ao espetáculo trágico, os mitos passam por um processo de reelaboração que lhes confere novos significados, adequados às questões políticas, sociais e religiosas vivenciadas pela *pólis* ateniense. Sob essa perspectiva, Aristóteles compreende o mito (*mythos*) como a organização das ações representadas, atribuindo-lhe papel fundamental na composição trágica. Como afirma o filósofo, “o mito é, pois, o princípio e a alma, por assim dizer, da tragédia” (ARISTÓTELES, 1981, p. 26). Malhadas (2003) reitera a interpretação aristotélica, afirmando que o mito tradicional transmitido pela cultura grega, fornece o modelo narrativo que, ao ser reelaborado pelo poeta, converte-se em produto artístico por meio da representação dramática.

A tragédia pode, portanto, ser compreendida como um espaço privilegiado de reflexão sobre a experiência humana, uma vez que utiliza histórias pertencentes ao patrimônio mítico coletivo para problematizar temas como poder, justiça, destino, sofrimento e responsabilidade. Embora os acontecimentos narrados remetam a um passado heroico e distante, as inquietações apresentadas em cena dialogam diretamente com as preocupações do público ateniense, por

exemplo, histórias de deuses e heróis serviam para questionar a moral e os limites do poder vigentes na pólis ateniense. Como observa Romilly (2008, p. 7), a tragédia grega apresentava, "na linguagem diretamente acessível da emoção, uma reflexão sobre o homem". Dessa forma, ao recuperar narrativas tradicionais, os dramaturgos não apenas preservam o legado mítico, mas também o transformam em um instrumento de reflexão sobre a condição humana.

Além de constituir uma expressão artística, a tragédia está profundamente vinculada ao contexto histórico em que se desenvolveu. Romilly (2008) destaca que sua consolidação acompanha o período de maior florescimento político, cultural e intelectual de Atenas, ou seja, o V séc. a. C, refletindo as transformações vividas pela *pólis*. Nesse contexto, os mitos deixam de ser apenas relatos do passado heroico e passam a oferecer um meio de interpretar os conflitos, os valores e as inquietações da sociedade ateniense. Assim, a tragédia estabelece um diálogo constante entre tradição e atualidade, preservando a narrativa mítica ao mesmo tempo em que lhe atribui novos significados.

Entre essas reelaborações, destaca-se “Prometeu Acorrentado”, de Ésquilo, considerada uma das mais importantes representações do mito de Prometeu na tradição grega. A peça integra o conjunto das sete tragédias de Ésquilo preservadas integralmente até os dias atuais (ROMILLY, 2008, p. 9), o que evidencia sua relevância para os estudos sobre o teatro grego antigo. Ao retomar um mito já conhecido pela tradição, Ésquilo amplia suas possibilidades interpretativas, enfatizando os conflitos entre autoridade e resistência, justiça e poder, homens e deuses. Por essa razão, a tragédia constitui uma fonte fundamental para compreender as diferentes configurações assumidas pelo mito prometeico na literatura grega e será tomada, nesta pesquisa, como objeto central de análise.

Originalmente a peça teria sido parte de uma trilogia. Embora haja dúvidas sobre a ordem original da trilogia, ela teria sido composta por “Prometeu Portador de Fogo”, “Prometeu Acorrentado” e “Prometeu Libertado”. Essa última peça chegou até nós em forma fragmentária e acrescenta algumas informações importantes sobre o destino dos personagens: Prometeu, ainda preso, relata a pena que cumpriu no Tártaro, conforme a previsão de Hermes, como Ésquilo relata no final de “Prometeu Acorrentado”, mostrando a relação de continuidade entre as peças. A atitude de Prometeu se torna menos arrogante, o que possibilita a intervenção e ajuda de sua mãe a Terra que o convence a revelar o segredo a Zeus.

Prometeu Prisioneiro (Trad. Trajano Vieira)

PODER

Termina o mundo e chega à terra cita: homem nenhum, deserto inacessível. Deves cumprir à risca, Hefesto, o édito paterno: aprisionar o criminoso com fortes cabos de aço no rochedo íngreme. Ele roubou **a tua flor - brilho ígneo, matriz de toda técnica -, passou-a às mãos humanas**. Tal afronta aos imortais requer castigo duro. Que aprenda a dar valor à voz de Zeus e refreie seus **gestos filantrópicos**.

A tragédia Prometeu Acorrentado, atribuída a Ésquilo, representa um momento decisivo na tradição do mito prometeico. Embora preserve elementos presentes em Hesíodo, como o roubo do fogo e a punição imposta por Zeus, a obra ressignifica profundamente a figura do titã. Se, nos poemas hesiódicos, Prometeu aparece como um personagem cuja astúcia provoca consequências tanto benéficas quanto desastrosas para a humanidade, em Ésquilo ele é apresentado, sobretudo, como um defensor dos homens e símbolo da resistência diante do poder tirânico de Zeus.

Logo no início da tragédia, Prometeu é conduzido por Poder e Força, dois personagens agentes de Zeus, para ser acorrentado a um rochedo, enquanto Hefesto, a contragosto, executa a ordem de Zeus. O castigo decorre do roubo do fogo, mas, ao longo da peça, torna-se evidente que a falta de Prometeu ultrapassa esse único ato. Seu verdadeiro crime consiste em ter demonstrado compaixão pelos mortais e em lhes conceder condições para o desenvolvimento da vida civilizada.

Ao dialogar com o coro das Oceânides, Prometeu enumera os inúmeros benefícios concedidos aos homens. Antes de sua intervenção, a humanidade vivia em estado de ignorância, incapaz de compreender os ciclos da natureza ou de organizar sua própria existência. Foi ele quem lhes ensinou a construir moradias, interpretar os astros, dominar os números, desenvolver a escrita, domesticar animais, construir embarcações, praticar a medicina e explorar os recursos da terra. O fogo, nesse contexto, deixa de ser apenas um elemento material e passa a representar o fundamento de todas as técnicas (*téchnai*) e de todo o ‘progresso humano’.

Essa perspectiva constitui uma das principais diferenças em relação à tradição hesiódica. Em Hesíodo, o fogo é obtido mediante um engano arquitetado por Prometeu durante a divisão do sacrifício: o Titã cobre os ossos do animal com gordura e esconde a carne sob a pele, levando a Zeus a escolher a parte menos valiosa. O episódio desencadeia uma série de punições divinas, entre elas a criação da mulher e a necessidade permanente do trabalho.

Em Ésquilo, ao contrário, o centro da narrativa desloca-se da punição dos homens para o sofrimento de Prometeu, como uma espécie de mediador entre os deuses e os homens. A humanidade deixa de ser apresentada como corresponsável pela transgressão e passa a figurar como principal beneficiária do sacrifício do titã.

Outro aspecto relevante da tragédia é a caracterização de Zeus. Enquanto, em Hesíodo, sua autoridade integra a ordem cósmica estabelecida, em “Prometeu Acorrentado”, o soberano olímpico é retratado como um governante severo, cuja força se manifesta por meio da violência e da imposição, por isso as personagens da peça são Κράτος e Βίος, como uma espécie de binômio representativo de Zeus. Prometeu, por sua vez, assume a posição de resistência diante desse poder, recusando-se a revelar o segredo que poderá determinar a futura queda de Zeus. Sua firmeza transforma o sofrimento em um ato de coragem e fidelidade aos homens.

Dessa forma, a tragédia esquiliana amplia significativamente o significado do mito prometeico. O fogo deixa de representar apenas um objeto de diferenciação entre deuses e homens para tornar-se símbolo do conhecimento, da técnica, do progresso da civilização e da resistência contra os reveses do destino. Prometeu deixa de ser apenas o astuto enganador descrito por Hesíodo e passa a encarnar o ideal daquele que desafia o poder dos deuses em favor da humanidade, mesmo à custa do próprio sofrimento.

2.3 O MITO NA BIBLIOTECA DO PSEUDO APOLODORO

A mitografia caracteriza-se pela reunião e organização das narrativas míticas da tradição grega. Segundo Cabral (2013, p.21), a *Biblioteca* do Pseudo-Apolodoro constitui "uma mera exposição sistemática das genealogias dos deuses e heróis gregos, tal como são registradas na literatura". O autor observa ainda que o Pseudo-Apolodoro "recorre a excelentes fontes e as segue com fidelidade, mas quase nunca tenta explicar ou reconciliar as discrepâncias e contradições nelas encontradas", limitando-se a registrar as diferentes versões dos mitos. Essa característica evidencia o caráter compilatório da obra.

Ao discutir a natureza da mitografia, Cabral (2013, p.23), apoiando-se em Cameron, afirma que essa atividade "se caracterizava sobretudo pela assimilação e pelo plágio", uma vez que os mitógrafos reuniam tradições provenientes de diferentes autores e fontes

intermediárias. Assim, a originalidade da mitografia não reside na criação de novos mitos, mas na organização e preservação da tradição mítica.

É nesse contexto que se insere o relato do mito de Prometeu. Na *Biblioteca*, o episódio é narrado de forma breve e objetiva, privilegiando a sucessão dos acontecimentos em vez de descrições dramáticas ou interpretações filosóficas. Essa concisão é característica da escrita mitográfica e evidencia a proposta da obra de registrar e transmitir a tradição mítica grega, o que se pode constatar no relato do mito em Pseudo-Apolodoro:

Prometeu, tendo plasmado os homens a partir da água e da terra, **deu-lhes também o fogo, às ocultas de Zeus**, depois de havê-lo escondido numa férula. Quando Zeus percebeu, ordenou a Hefesto que lhe cravasse o corpo no monte Cáucaso; esse é um monte da Cítia. Aí, portanto, tendo sido encravado, Prometeu foi mantido agrilhado por grande número de anos, e a cada dia uma águia, sobrevoando lhe, devorava os lóbulos do seu fígado, que voltava a crescer durante a noite. **Prometeu recebeu essa punição por haver roubado o fogo, até que Héracles posteriormente o libertasse, como iremos mostrar nos relatos referentes a Héracles.** (Pseudo Apolodoro, trad. Luiz Alberto Cabral, 2013, pg.50)

Esse relato apresenta uma versão bastante concisa do mito de Prometeu, característica da tradição mitográfica, preocupada em registrar os acontecimentos considerados relevantes principais, sem desenvolver os conflitos ou os aspectos dramáticos. Nele, destacam-se três elementos fundamentais do mito: a criação da humanidade, o roubo do fogo e a punição imposta por Zeus.

Segundo o relato, Prometeu molda os homens a partir da água e da terra e, movido por sua preocupação com a sobrevivência humana, rouba o fogo divino e o entrega aos mortais, escondendo-o em uma férula para escapar da vigilância de Zeus. O fogo simboliza muito mais do que uma chama física: representa o conhecimento, a técnica, a inteligência e o progresso da civilização. Ao concedê-lo aos homens, Prometeu rompe a separação entre deuses e mortais e desafia diretamente a autoridade de Zeus. Como punição, Zeus ordena que Prometeu seja acorrentado ao monte Cáucaso, onde uma águia devora diariamente seu fígado, que se regenera todas as noites, tornando seu sofrimento interminável. A regeneração do fígado enfatiza o caráter eterno do castigo, evidenciando o poder soberano de Zeus e as consequências da transgressão da ordem divina. O relato também antecipa a libertação de Prometeu por Héracles, encerrando o ciclo de sofrimento do titã. Essa breve referência estabelece uma ligação entre o mito de Prometeu e o ciclo heroico de Héracles, reforçando a unidade da tradição mitológica grega. Nada se diz sobre a criação de Pandora, a primeira

mulher, como compensação pelo roubo, uma omissão importante que merece investigação posterior.

Desse modo, essa narrativa apresenta Prometeu como um benfeitor da humanidade, cuja compaixão pelos homens o leva a desafiar Zeus. Ao mesmo tempo, evidencia que qualquer violação da vontade divina implica severas consequências, revelando a tensão entre a busca pelo progresso humano e a manutenção de uma ordem cósmica estabelecida pelos deuses.

2.4 A IA COMO NOVO FOGO DE PROMETEU

Desde a Antiguidade, o mito de Prometeu representa uma reflexão sobre a relação entre conhecimento, técnica e responsabilidade. Ao roubar o fogo dos deuses e entregá-lo aos homens, Prometeu possibilita que a humanidade desenvolva as artes, as técnicas e a civilização. Entretanto, esse gesto também inaugura um dilema ético: todo avanço técnico amplia as possibilidades humanas, mas traz consigo consequências que exigem prudência. No caso do mito, como está retratado em “Trabalhos e Dias”, a mulher é o castigo dado por Zeus como uma espécie de compensação pelas facilidades que o homem teria com o advento da tecnologia por meio do fogo.

Ao relacionar esse mito à Inteligência Artificial, Prado, Missel e Cruz (2025, p.18) afirmam que “o fogo representa o conhecimento e o progresso, associados ao domínio da técnica”, permitindo ao ser humano desenvolver a agricultura, os meios produtivos e científicos e melhorar suas condições de vida. Contudo, as autoras destacam que esse progresso também traz consequências, exigindo autonomia e visão crítica diante do desenvolvimento tecnológico. Além disso, observam que, assim como ocorreu com outras tecnologias ao longo da história, a Inteligência Artificial desperta simultaneamente encanto e insegurança diante do desconhecido, tornando necessária uma reflexão sobre seus impactos na educação e na produção do conhecimento.

Interessante notar que, no relato de Hesíodo, fica evidente que um dos motivos pelos quais os deuses impedem que os homens tenham acesso ao fogo é exatamente pelo fato de que, com as facilidades conquistadas por essa nova tecnologia, os homens teriam tempo ocioso: “Oculto retêm os deuses o vital para o homem// senão comodamente em um só dia trabalharias//para teres por um ano, podendo em ócio ficar; [...]”. A IA, como nova forma

revolucionária de tecnologia, também apresenta esse aspecto positivo de acelerar a execução das atividades exigidas pelo estilo de vida moderno em que o tempo passou a ser um bem irrevogável.

As autoras também defendem que a IA não deve ser simplesmente proibida no ambiente educacional. Segundo elas, banir essa tecnologia não resulta em aprendizagem significativa; ao contrário, é necessário promover seu uso ético, desenvolvendo nos estudantes o senso crítico, a verificação das fontes de informação e a capacidade de questionar os resultados produzidos pela Inteligência Artificial (PRADO; MISSEL; CRUZ, 2025, p. 21).

A partir dessas reflexões, é possível aproximar o debate do conceito grego de *ὑβρις* (*hybris*). Na cultura grega, a *hybris* designa a desmedida, isto é, a pretensão de ultrapassar os limites próprios da condição humana, impulsionada pela crença de que o poder conquistado é ilimitado e não há uma ordem cósmica a qual se submeter. Embora Prometeu seja frequentemente interpretado como benfeitor da humanidade, seu ato também pode ser compreendido como uma transgressão da ordem divina estabelecida, uma vez que traria desequilíbrio a essa mesma ordem, evidenciando que toda conquista, obtida sem consideração e reflexão, cobra um preço em suas consequências. No caso do mito, a mulher foi a consequência dada como castigo pela transgressão do homem para compensá-la. Na visão de mundo grego, a mulher trouxe o equilíbrio ao ócio proporcionado ao homem pelo fogo, dando-lhe outro tipo de ‘trabalho’, mas também benefícios, como a perpetuação da espécie humana.

Sob essa perspectiva, a Inteligência Artificial suscita um questionamento que ultrapassa sua eficiência técnica: facilitar a vida humana a custo de quê? A dependência crescente de respostas prontas pode reduzir o exercício da reflexão, da criatividade e da autonomia intelectual, substituindo o processo de construção do conhecimento pela simples obtenção de resultados imediatos. O risco, portanto, não reside na tecnologia em si, mas na desmedida com que ela pode ser utilizada, quando se acredita que o progresso técnico seja capaz de substituir capacidades essencialmente humanas. A máquina pode reproduzir e articular os conhecimentos em uma velocidade impossível ao ser humano, por meio um modo de

processamento autônomo chamado *machine learning*⁵, contudo não possui (pelo menos não ainda) a singularidade da criatividade e o potencial de inovação do ser humano.

Desse modo, o mito de Prometeu continua oferecendo uma importante lição para o presente. Mais do que condenar ou glorificar a tecnologia, ele convida à reflexão sobre os limites do poder humano e sobre a responsabilidade que acompanha cada inovação. Nessa direção, Prado, Missel e Cruz (2025) defendem que a formação de professores e estudantes deve favorecer um uso ético, crítico e consciente da Inteligência Artificial, fortalecendo a autonomia intelectual e a produção do conhecimento.

⁵ “**Machine Learning** (ou aprendizado de máquina) é um subcampo da Inteligência Artificial que permite aos computadores aprenderem padrões a partir de dados e melhorarem seu desempenho de forma autônoma, sem a necessidade de programação explícita para cada nova tarefa.” Fonte: Google. Consultado em: 09/07/2026.

3. O MITO DE PROMETEU EM SALA DE AULA

A discussão desenvolvida no capítulo anterior demonstrou a atualidade do mito de Prometeu e seu potencial para suscitar reflexões sobre conhecimento, técnica e responsabilidade diante dos desafios impostos pela Inteligência Artificial. Nesse sentido, o mito constitui uma importante chave interpretativa para abordar, no contexto educacional, questões contemporâneas relacionadas ao desenvolvimento tecnológico, favorecendo o diálogo entre a tradição clássica e a realidade vivenciada pelos estudantes.

É a partir desse pressuposto que se insere o relato de experiência apresentado neste capítulo. A proposta desenvolvida durante o estágio supervisionado integra um projeto de utilização de mitos gregos de origem (mitos etiológicos) como recurso didático para promover discussões sobre temas atuais. Assim, tomando o mito de Prometeu como eixo norteador, buscou-se estabelecer relações entre a narrativa mítica e as implicações do uso da Inteligência Artificial, evidenciando as possibilidades pedagógicas dos mitos gregos no ensino de Língua Portuguesa.

3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Este capítulo apresenta a experiência vivenciada pela autora desta pesquisa, a licencianda Ynayara Rocha dos Santos, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português-Grego, durante o período de estágio supervisionado. As atividades foram realizadas entre os dias 28 de abril de 2025 e 22 de setembro de 2025, totalizando 300 horas de prática docente, no âmbito da disciplina de Prática de Ensino.

O estágio foi desenvolvido na Escola Municipal Científica Mário Kroeff, localizada no bairro da Penha, zona norte do Rio de Janeiro, na turma de Carioca II⁶, tendo como professor regente Luiz Roberto Conegundes Salvador. Durante o período de observação e regência, a licencianda também contou com a parceria do colega Gabriel Soares, graduando em Letras – Latim, com quem compartilhou experiências ao longo do processo formativo.

⁶ A Turma Carioca II é um projeto de correção de fluxo da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, destinado a estudantes com idades entre 14 e 16 anos que apresentam distorção entre idade e série escolar.

A vivência no contexto escolar constituiu um momento fundamental para a formação docente, ao possibilitar a articulação entre os referenciais teóricos discutidos ao longo da graduação e a prática pedagógica em sala de aula. Nesse sentido, este capítulo apresenta e analisa os principais aspectos das atividades desenvolvidas durante o estágio, com destaque para os momentos de observação, regência, interação com a turma e reflexão crítica sobre a prática docente.

As atividades ocorreram em uma instituição comprometida com a formação cidadã e o desenvolvimento integral dos alunos, cuja maioria é oriunda de comunidades da Penha (Zona Norte do Rio de Janeiro) e regiões próximas, marcadas por contextos de vulnerabilidade social e econômica. Nesse cenário, a escola se configura não apenas como espaço de aprendizagem formal, mas também como ambiente de acolhimento, pertencimento e construção de perspectivas de futuro. Tal contexto exige do professor uma postura sensível e comprometida, capaz de reconhecer as especificidades dos estudantes e promover práticas pedagógicas significativas e inclusivas

Nesse sentido, trabalhar a literatura, especialmente a literatura grega, configura-se também como uma forma de garantir o acesso a bens culturais historicamente valorizados, muitas vezes restritos a determinados grupos sociais. A abordagem de narrativas clássicas, como os mitos, possibilita não apenas o contato com a tradição literária, mas também a reflexão sobre temas universais, como justiça, ética, poder e responsabilidade, aproximando os estudantes de debates que dialogam diretamente com suas realidades contemporâneas. Assim, o ensino da literatura assume um papel que ultrapassa o conteúdo escolar, constituindo-se como um direito formativo e cultural dos alunos.

Essa perspectiva encontra respaldo nas reflexões de Paulo Freire, especialmente na obra *A importância do ato de ler*, na qual o autor afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9), evidenciando que o processo educativo deve partir da realidade concreta dos sujeitos, articulando o conhecimento escolar às suas vivências. Desse modo, o trabalho com a literatura, inclusive a clássica, deve estar comprometido com a formação crítica, permitindo que os alunos não apenas compreendam os textos, mas também se posicionem diante deles e do mundo.

Além disso, o estágio supervisionado se mostrou fundamental para a formação docente, ao possibilitar a articulação entre teoria e prática. É nesse espaço que se torna possível compreender, de forma concreta, os desafios e as potencialidades do ensino em contextos diversos, bem como refletir sobre o papel do professor como mediador do conhecimento e agente de transformação social. A vivência em sala de aula evidenciou que ensinar literatura, inclusive a de tradição clássica, requer não apenas domínio de conteúdo, mas também sensibilidade pedagógica para a tornar significativa e acessível aos alunos.

À luz das reflexões de Fábio da Silva Fortes e Charlene Martins Miotti, compreende-se então que a inserção da cultura clássica no contexto escolar deve ultrapassar uma abordagem meramente conteudista, assumindo um caráter crítico, interdisciplinar e formativo. Nesse sentido, o ensino não se limita à transmissão de conhecimentos sobre Grécia e Roma, mas busca promover a problematização de heranças culturais, muitas vezes naturalizadas no cotidiano.

Como destacam os autores (FORTES; MIOTTI, 2011, p. 156):

[...] uma obra clássica, independentemente do tempo em que foi produzida, permanece na cultura. O fato de ser inesquecível é uma maneira de dizer que ela continua presente na memória, coletiva ou individual, da experiência de determinada sociedade, ressoando, de forma consciente ou inconsciente, na maneira como os indivíduos se relacionam entre si, são consumidores e produtores de outras obras artísticas e intelectuais, mantêm ou transformam a sua sociedade.

A partir dessa perspectiva, as práticas desenvolvidas ao longo do estágio buscaram favorecer a participação ativa dos estudantes, promovendo momentos de troca, debate e construção coletiva de sentido, especialmente ao articular conteúdos da Antiguidade Clássica com questões contemporâneas.

Com base nessa experiência, propõe-se refletir sobre os desafios, as aprendizagens e as potencialidades que emergem da prática docente, tendo como eixo a aula de regência cujo conteúdo foi o mito de Prometeu, articulado a discussões contemporâneas sobre o uso, os limites e as implicações éticas da tecnologia.

No dia 10 de setembro, foi realizada a aula de regência com o tema “Mitologia e Tecnologia: do fogo de Prometeu à Inteligência Artificial”. O início da aula foi marcado por um sentimento de nervosismo, comum aos primeiros momentos de atuação docente, revelando a complexidade e a responsabilidade envolvidas no exercício da docência. No

entanto, ao longo da condução da aula, esse sentimento foi gradualmente substituído por maior segurança, à medida que se estabelecia uma relação de diálogo com os alunos.

A aula teve início com a exploração do sentido etimológico e polissêmico da palavra “mito”, destacando sua origem e os diferentes significados que o termo pode assumir em contextos diversos. Em seguida, busquei promover uma conversa com os alunos acerca de suas compreensões prévias sobre mitologia, o que permitiu identificar repertórios, percepções e possíveis equívocos. Esse momento inicial mostrou-se fundamental para o engajamento da turma, evidenciando que a aprendizagem se torna mais significativa quando parte da realidade e dos conhecimentos dos próprios estudantes.

A escolha de trabalhar com o mito de Prometeu justifica-se por sua riqueza simbólica e por sua potencialidade de diálogo com questões contemporâneas. Na tradição grega, Prometeu é associado à transgressão, ao conhecimento e ao progresso, ao desafiar os deuses ao oferecer o fogo à humanidade, princípio iniciador da cultura. Tal narrativa permite reflexões que ultrapassam o campo da literatura, alcançando dimensões filosóficas, éticas e sociais.

Durante a aula, ocorreu um imprevisto técnico relacionado ao funcionamento do áudio do vídeo previamente planejado. Diante dessa situação, a opção foi narrar oralmente o mito o que lhe conferiu um caráter mais autêntico. Embora tenha gerado alguma tensão, esse momento revelou-se significativo do ponto de vista formativo, pois evidenciou a necessidade de flexibilidade e adaptação por parte do professor. A experiência demonstrou que a prática docente envolve lidar com situações inesperadas, exigindo criatividade e capacidade de improviso. Curiosamente, a narrativa oral se mostrou eficaz, despertando a atenção e o interesse dos alunos, o que reforça o valor da oralidade como recurso pedagógico.

A transição para o tema da tecnologia foi realizada de forma gradual, estabelecendo conexões entre o mito e o cotidiano dos alunos. Foram discutidos exemplos práticos e acessíveis, possibilitando a construção de uma compreensão ampliada do conceito de tecnologia. Nesse processo, buscou-se evidenciar que tanto o fogo de Prometeu quanto a inteligência artificial podem ser compreendidos como instrumentos de transformação da realidade humana no sentido de um maior desenvolvimento das potencialidades dos seres humanos.

A discussão avançou para a problematização dos benefícios e riscos associados ao uso da inteligência artificial, estabelecendo um paralelo com o mito trabalhado. Assim como o fogo representa progresso, mas também pode trazer consequências, a inteligência artificial se configura como uma ferramenta ambivalente, capaz de promover avanços significativos, ao mesmo tempo em que suscita questionamentos éticos. Essa abordagem favoreceu o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, incentivando-os a refletir sobre os limites e responsabilidades envolvidos no uso da tecnologia. Eles puderam perceber que a IA tem um caráter técnico instrumental como o fogo, portanto não devemos renunciar as nossas capacidades cognitivas e reflexivas em detrimento do seu uso. Ainda temos que ser o sujeito da nossa história.

Do ponto de vista metodológico, a aula combinou diferentes estratégias didáticas, como exposição dialogada, debate e atividades interativas. A dinâmica “Real x Fake?”⁷ destacou-se como uma proposta de caráter lúdico e formativo, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade de análise crítica diante das informações. Em um contexto marcado pela circulação intensa de conteúdos digitais, essa habilidade mostra-se fundamental para a formação cidadã.

Posteriormente, os alunos realizaram atividades presentes no material didático elaborado, composto por questões objetivas e discursivas. Esse momento permitiu observar como os estudantes compreenderam e mobilizaram os conteúdos discutidos, funcionando como um instrumento de avaliação formativa⁸. De modo geral, os resultados evidenciaram que a maioria dos alunos conseguiu estabelecer relações entre o mito de Prometeu e as discussões sobre inteligência artificial, especialmente nas questões objetivas. Nas questões discursivas, parte dos estudantes demonstrou uma compreensão mais aprofundada, articulando o mito com reflexões críticas sobre o uso da tecnologia e seus limites. Por outro lado, alguns ainda apresentaram dificuldades em desenvolver argumentos mais consistentes e em explicitar essas conexões de forma mais clara. Ainda assim, a atividade possibilitou identificar avanços significativos na capacidade de interpretação e reflexão dos alunos.

A aula foi finalizada com a atividade intitulada “Júri de Prometeu”, na qual os alunos foram divididos em grupos para defender diferentes pontos de vista: um grupo posicionou-se

⁷ A dinâmica “Real ou Fake” foi uma atividade pedagógica em que foram exibidos vídeos reais e vídeos produzidos por inteligência artificial, desafiando os alunos a distinguirem entre conteúdos autênticos e artificiais.

⁸ Confira anexo ao final da pesquisa.

a favor de Prometeu, destacando os benefícios da tecnologia, enquanto o outro assumiu a perspectiva de Zeus, enfatizando os riscos e os limites. A atividade promoveu intenso envolvimento dos alunos, estimulando a argumentação, a criatividade e o pensamento crítico. Além disso, evidenciou a importância do debate em torno das questões éticas como ferramenta pedagógica para a construção do conhecimento. A análise dessa experiência permite reconhecer avanços significativos no desenvolvimento de competências docentes, como a capacidade de mediação, a gestão da sala de aula e a adaptação a situações imprevistas.

Apesar dos aspectos positivos, a experiência também evidenciou possibilidades de aprimoramento, como por exemplo, a aula poderia ter sido enriquecida com a apresentação de diferentes versões do mito de Prometeu nas suas fontes originais, ampliando as possibilidades de análise e comparação, o que procurei suplementar nesta monografia como resultado de minha reflexão crítica. Além disso, a inclusão de atividades de produção textual ou criativa poderia favorecer a expressão individual dos alunos e aprofundar a relação entre mito e contemporaneidade, além de revelar a própria natureza desse gênero textual que tem como prerrogativa existir em muitas variantes, tendo em vista a sua gênese na oralidade.

Outro aspecto a ser desenvolvido refere-se à ampliação da sequência didática, permitindo maior continuidade das discussões ao longo de mais aulas. Isso possibilitaria um aprofundamento teórico e crítico ainda mais consistente, bem como a integração de diferentes linguagens próprias do mito e recursos pedagógicos.

Em síntese, a experiência de regência evidenciou a potência do ensino de mitologia como ferramenta para a reflexão crítica sobre questões contemporâneas. Ao articular tradição e atualidade, literatura e tecnologia, foi possível promover uma aprendizagem significativa, pautada no diálogo, na participação ativa e na construção coletiva do conhecimento.

3.2 EXPLICANDO O MATERIAL DIDÁTICO

O material didático elaborado para esta proposta pedagógica foi desenvolvido com o objetivo de promover uma aprendizagem reflexiva e participativa, articulando literatura,

tecnologia e discussões éticas a partir do mito de Prometeu. Sua construção considerou os conhecimentos prévios dos estudantes, bem como a necessidade de aproximar os conteúdos escolares de temas presentes em seu cotidiano. Nessa perspectiva, a elaboração do material dialoga com a concepção de produção de materiais didáticos apresentada por Leffa (2008, p. 15):

A produção de materiais de ensino é uma sequência de atividades que tem por objetivo criar um instrumento de aprendizagem. Essa sequência de atividades pode ser descrita de várias maneiras, envolvendo um número maior ou menor de etapas. Minimamente, deve envolver pelo menos quatro momentos: (1) análise, (2) desenvolvimento, (3) implementação e (4) avaliação.

O início do material concentrou-se na exploração etimológica e polissêmica da palavra “mito”. Antes de aprofundar a temática mitológica, buscou-se apresentar aos alunos o conceito de polissemia, explicando como uma mesma palavra pode assumir diferentes significados dependendo do contexto em que é utilizada. Para facilitar essa compreensão, foram utilizados exemplos próximos da realidade dos estudantes, como “manga” enquanto parte de uma camisa e “manga” enquanto fruta, além de “banco” como assento de praça e “banco” como instituição financeira. A partir dessas explicações, os alunos foram levados a refletir sobre os diferentes sentidos atribuídos à palavra “mito” no cotidiano e na literatura.

Após esse momento introdutório, o material apresentou a narrativa do mito de Prometeu. A história foi utilizada como ponto de partida para discussões relacionadas ao conhecimento, ao progresso humano e às consequências das escolhas feitas pela humanidade. Durante a aula, os alunos foram incentivados a refletir sobre o fogo entregue por Prometeu aos homens, debatendo se esse elemento poderia ser compreendido como um presente ou como uma punição. Essa problematização possibilitou diferentes interpretações da narrativa e favoreceu a participação dos estudantes nas discussões propostas.

Em seguida, o material direcionou a discussão para o conceito de tecnologia. Inicialmente, foi trabalhada a origem etimológica da palavra, buscando ampliar a compreensão dos alunos sobre o significado do termo e mostrando que tecnologia não se restringe apenas aos recursos digitais atuais. A partir desse aprofundamento, foram apresentados exemplos de transformações tecnológicas ao longo da história, estabelecendo relações entre o fogo de Prometeu e os avanços tecnológicos presentes na sociedade contemporânea.

Posteriormente, o material abordou os benefícios e os riscos da inteligência artificial. A proposta buscou estimular reflexões sobre os impactos das tecnologias na sociedade, discutindo tanto as contribuições da inteligência artificial para diferentes áreas quanto os desafios éticos relacionados ao seu uso. Nesse momento, os alunos foram incentivados a pensar criticamente sobre limites, responsabilidade e consequências do desenvolvimento tecnológico.

Dando continuidade à sequência didática, foi realizada a dinâmica “Real x *Fake*?”. A atividade consistiu na apresentação de vídeos produzidos por inteligência artificial e de vídeos reais, com o objetivo de estimular a análise crítica dos alunos diante dos conteúdos digitais. A partir das exibições, os estudantes foram convidados a identificar quais materiais eram autênticos e quais haviam sido produzidos artificialmente, refletindo sobre aspectos como manipulação de imagem, confiabilidade das informações e os impactos da inteligência artificial na circulação de conteúdos digitais. Além do caráter interativo, a dinâmica contribuiu para desenvolver a observação, a argumentação e a leitura crítica dos meios tecnológicos.

Após as discussões e atividades coletivas, o material apresentou exercícios de fixação compostos por questões objetivas e discursivas. As atividades tinham como finalidade verificar a compreensão dos conteúdos trabalhados ao longo da aula e permitir que os alunos articulassem as relações entre o mito de Prometeu, a tecnologia e a inteligência artificial. Enquanto as questões objetivas contribuíram para retomar conceitos discutidos anteriormente, as questões discursivas favoreceram o desenvolvimento da argumentação e da reflexão crítica.

A sequência didática foi finalizada com a atividade intitulada “Júri de Prometeu”. Nessa proposta, os alunos foram divididos em grupos para defender posicionamentos distintos acerca do avanço tecnológico. Um grupo assumiu a defesa de Prometeu, destacando os benefícios proporcionados pela tecnologia, enquanto o outro representou a perspectiva de Zeus, enfatizando os riscos e os limites do progresso tecnológico. A atividade promoveu intensa participação da turma, estimulando habilidades de argumentação, escuta e construção coletiva de ideias.

Do ponto de vista metodológico, o material didático buscou integrar diferentes estratégias de ensino, como exposição dialogada, oralidade, debate e atividades interativas. A

organização sequencial das propostas contribuiu para a construção gradual do conhecimento, permitindo que os alunos estabelecessem relações entre conceitos históricos, linguísticos e tecnológicos de maneira mais significativa. Dessa forma, o material foi pensado não apenas como um suporte de conteúdos, mas como um instrumento capaz de favorecer participação, reflexão e desenvolvimento crítico dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se demonstrar que o mito de Prometeu permanece atual porque trata de questões que continuam fazendo parte da experiência humana: o desejo de conhecer, a capacidade de criar e a responsabilidade diante das consequências de nossas próprias escolhas. Ainda que tenha sido concebido há milhares de anos, o mito continua oferecendo caminhos para compreender os dilemas do presente, especialmente aqueles relacionados ao avanço da inteligência artificial.

A análise das versões de Hesíodo, de Ésquilo e da Biblioteca do Pseudo-Apolodoro revelou que, embora cada autor apresente diferentes perspectivas e recortes sobre o mito de Prometeu, todas elas convergem para uma reflexão sobre os limites da técnica, do poder e da condição humana. Mais do que um personagem da mitologia grega, Prometeu, aquele que tem a previsão, permanece como um símbolo da inquietação humana diante do desconhecido e da permanente busca por superar seus próprios limites.

Foi justamente essa permanência do mito que possibilitou estabelecer um diálogo com a inteligência artificial. Assim como o fogo prometéico transformou a relação do homem com o mundo, a IA representa uma tecnologia capaz de modificar profundamente a forma como produzimos conhecimento, trabalhamos, aprendemos e nos relacionamos, consequentemente, **de** mudar os rumos do destino humano. Contudo, a pesquisa também permitiu compreender que todo avanço técnico exige prudência, valor ético muito respeitado pelos gregos na Antiguidades. O progresso, quando desvinculado da reflexão ética, pode conduzir aos excessos que os gregos denominaram *hybris*, lembrando-nos de que a capacidade de criar deve caminhar ao lado da responsabilidade de saber utilizar aquilo que foi criado para o benefício da humanidade.

Entretanto, talvez a maior contribuição desta pesquisa não esteja apenas na aproximação entre um mito antigo e o surgimento de uma tecnologia contemporânea, mas na constatação de que os clássicos continuam capazes de dialogar com as inquietações do nosso tempo. Em uma sociedade marcada pela rapidez das transformações tecnológicas, voltar aos mitos não significa olhar para o passado com nostalgia, mas reconhecer que algumas perguntas permanecem as mesmas: até onde devemos avançar? O que fazemos com o conhecimento que conquistamos? Que tipo de humanidade desejamos construir?

No contexto escolar, o relato de experiência demonstrou que essas reflexões não pertencem exclusivamente ao ambiente acadêmico. Ao contrário, os estudantes mostraram-se capazes de estabelecer relações entre a narrativa mítica e a realidade em que vivem, participando ativamente das discussões e desenvolvendo um olhar mais crítico sobre as tecnologias que fazem parte de seu cotidiano. Isso reafirma que a escola deve ser um espaço onde o conhecimento não seja apenas transmitido, mas também problematizado, permitindo que os alunos compreendam o mundo e ocupem nele uma posição consciente e responsável.

Ao iniciar esta pesquisa, o propósito era demonstrar que um mito narrado há mais de dois mil anos ainda poderia provocar reflexões significativas sobre um dos maiores desafios da contemporaneidade. Ao concluí-la, torna-se ainda mais evidente que os mitos permanecem vivos justamente porque continuam dizendo algo sobre nós. Mudam-se as ferramentas, mudam-se as tecnologias, mas permanecem as perguntas sobre os limites da criação humana e sobre o uso que fazemos do conhecimento.

Que o fogo de Prometeu, hoje simbolicamente representado pelas inúmeras possibilidades da inteligência artificial, não seja apenas um instrumento de poder ou de eficiência, mas uma oportunidade para reafirmarmos aquilo que nos torna verdadeiramente humanos: a capacidade de pensar criticamente, agir com responsabilidade e compreender que nenhum avanço tecnológico substitui a ética, a sensibilidade, a criatividade e a educação. Afinal, é por meio da educação que aprendemos não apenas a criar o fogo, mas também a decidir como utilizá-lo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Jaime Bruna. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1981. p. 19-52.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.
- CABRAL, Luiz Alberto Machado. **A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia**. Campinas: UNICAMP, 2013.
- DOWDEN, Ken. **Os usos da mitologia grega**. São Paulo: Paulus, 1994.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ÉSQUILO. **Prometeu prisioneiro**. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FORTES, Fábio da Silva; MIOTTI, Charlene Martins. **Cultura clássica e ensino: uma reflexão sobre a presença dos gregos e latinos na escola**. *Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 153–168, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Edição, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Tradução e estudo de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- LEFFA, Vilson J. **Como produzir materiais para o ensino de línguas**. In: LEFFA, Vilson J. (org.). *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: EDUCAT, 2008.
- MALHADAS, Daisi. **Tragédia grega: o mito em cena**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- PRADO, Luciana Augusta Ribeiro do; MISSEL, Fabiola de Azeredo; CRUZ, Dulce Márcia. **O mito de Prometeu: reflexões pedagógicas e éticas sobre a inteligência artificial na educação**. *Revista Intersaberes*, v. 20, e25tl4008, 2025.
- ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

APÊNDICE

APÊNDICE A – MATERIAL DIDÁTICO

Figura A.1 – Polissemia e Etimologia da palavra “Mito”

1. Mitologia Grega: Janela para o Conhecimento

 A mitologia grega é muito mais que histórias antigas. É uma janela para compreender como os gregos explicavam o mundo, ensinavam valores e transmitiam conhecimento.

 **Etimologia da palavra "MITO"**

Origem: Do grego "mythos" = narrativa, história, palavra
Significado original: Relato sagrado que explica a realidade

 **Polissemia (múltiplos significados)**

- **Sentido positivo:** Narrativa com significado profundo
- **Sentido negativo:** Algo falso, ilusório
- **Sentido antropológico:** Sistema de crenças de um povo

Figura A.2 – O Mito: presente x punição

2. O Mito de Prometeu

 **O Presente**

Prometeu roubou o fogo dos deuses e entregou aos humanos, proporcionando:

- Conhecimento
- Tecnologia
- Civilização
- Progresso

 **A Punição**

Zeus puniu Prometeu por desafiar a ordem divina:

- Acorrentado a uma rocha
- Águia comia seu fígado
- Renovação eterna do sofrimento
- Símbolo das consequências do progresso

 **Reflexão**

O mito nos ensina que todo avanço tecnológico traz benefícios e riscos. O conhecimento é poderoso, mas exige responsabilidade. Assim como Prometeu, a humanidade precisa considerar as consequências de suas criações.

Figura A.3 – Origem da palavra “Tecnologia”

3. Tecnologia: Do Fogo à Inteligência Artificial



Origem da palavra "TECNOLOGIA"

Tecno: Do grego "tekhné" = arte, habilidade, técnica

Logia: Do grego "logos" = estudo, conhecimento

Significado: Estudo das técnicas e habilidades humanas

Figura A.4 – Benefícios e riscos da IA

4. Prometeu e a IA: Benefícios e Riscos



O Fogo de Prometeu

Benefícios: Cozinhar, proteção, ferramentas

Riscos: Queimaduras, incêndios, guerras

Impacto: Revolucionou a civilização



A IA Moderna

Benefícios: Medicina, educação, produtividade

Riscos: Desemprego, manipulação, privacidade

Impacto: Está revolucionando nossa era

Assim como Prometeu, a IA representa um "fogo" moderno: poder transformador que exige sabedoria para ser usado responsavelmente.

Figura A.5– Dinâmica com os vídeos produzidos por IA: Real ou *Fake*

5. Dinâmica 'Real vs Fake'



Como identificar informações verdadeiras?



Verifique a fonte

Sites confiáveis, autores conhecidos



Confira a data

Informações atualizadas e contextualizadas



Compare fontes

Busque confirmação em múltiplas fontes

Figura A.6 – Atividades de fixação

6. Atividades

Questões Objetivas

1. A palavra "mito" vem do grego "mythos", que significa:

- a) Mentira ou falsidade
- b) Narrativa ou história
- c) Religião antiga
- d) Conhecimento científico

2. No mito, Prometeu foi punido por Zeus porque:

- a) Roubou comida dos deuses
- b) Desafiou a ordem divina ao dar o fogo aos humanos
- c) Criou os primeiros humanos
- d) Inventou a escrita

Questões Discursivas

3. Explique a relação entre o fogo de Prometeu e a inteligência artificial moderna. Quais são os principais benefícios e riscos de cada um?

4. Como a tecnologia deepfake pode ser usada de forma positiva e negativa? Dê exemplos práticos.

Figura A.7 – Júri de Prometeu x Zeus

7. Reflexão Final

⚠ Cenário: O Julgamento

Imagine que Prometeu fosse julgado hoje por ter trazido a inteligência artificial para a humanidade. Dois grupos se formam no tribunal:

🛡 Defensores de Prometeu

Argumentos:

- A IA salva vidas na medicina
- Democratiza o acesso ao conhecimento
- Resolve problemas complexos do clima
- Aumenta a produtividade humana
- Promove inovação e descobertas

Posição: "Prometeu foi um herói! A humanidade merece evoluir."

⚠ Defensores de Zeus

Argumentos:

- Desemprego em massa
- Manipulação e fake news
- Perda de privacidade
- Dependência tecnológica
- Riscos de controle total

Posição: "Zeus estava certo! Alguns poderes são perigosos demais."

👥 Atividade de Debate

Instruções: Divida a turma em dois grupos. Cada grupo deve preparar argumentos para defender sua posição no "julgamento" de Prometeu.

Grupo 1 - Defensores de Prometeu

Argumente por que Prometeu fez a coisa certa ao trazer a IA

Grupo 2 - Defensores de Zeus

Argumente por que Zeus estava certo em querer controlar esse poder

Conclusão: O verdadeiro desafio não é julgar Prometeu, mas encontrar formas de usar a IA responsavelmente. A tecnologia em si não é boa nem má - tudo depende de como a utilizamos.